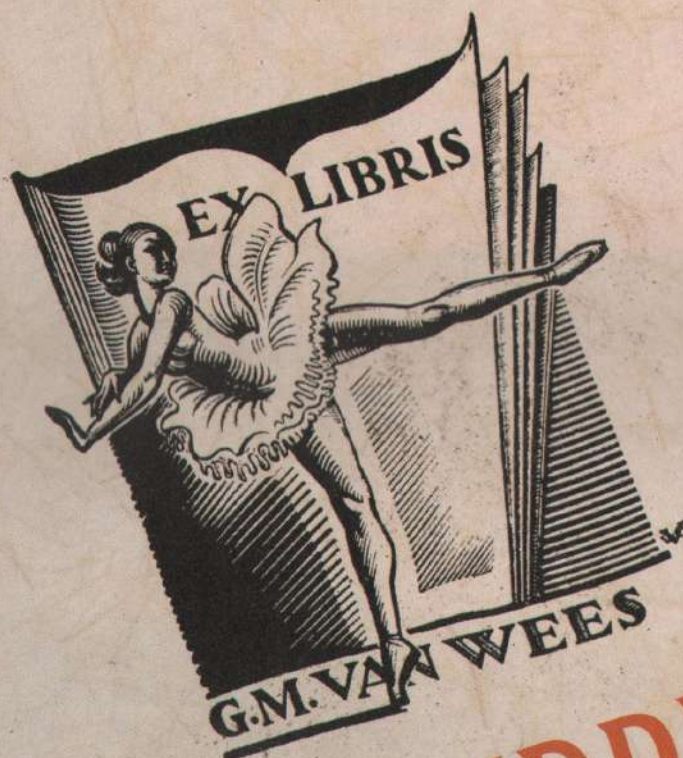


CORREIO DO LIVRO *da UnB*

ANO 2 Nº 5 AGOSTO/SETEMBRO 2002



EX LIBRIS

A MARCA DO DONO

Do amor aos livros nasceu este
pequeno objeto do desejo, cultuado
como verdadeira obra de arte e mania
para colecionadores

ESTE É MEU!

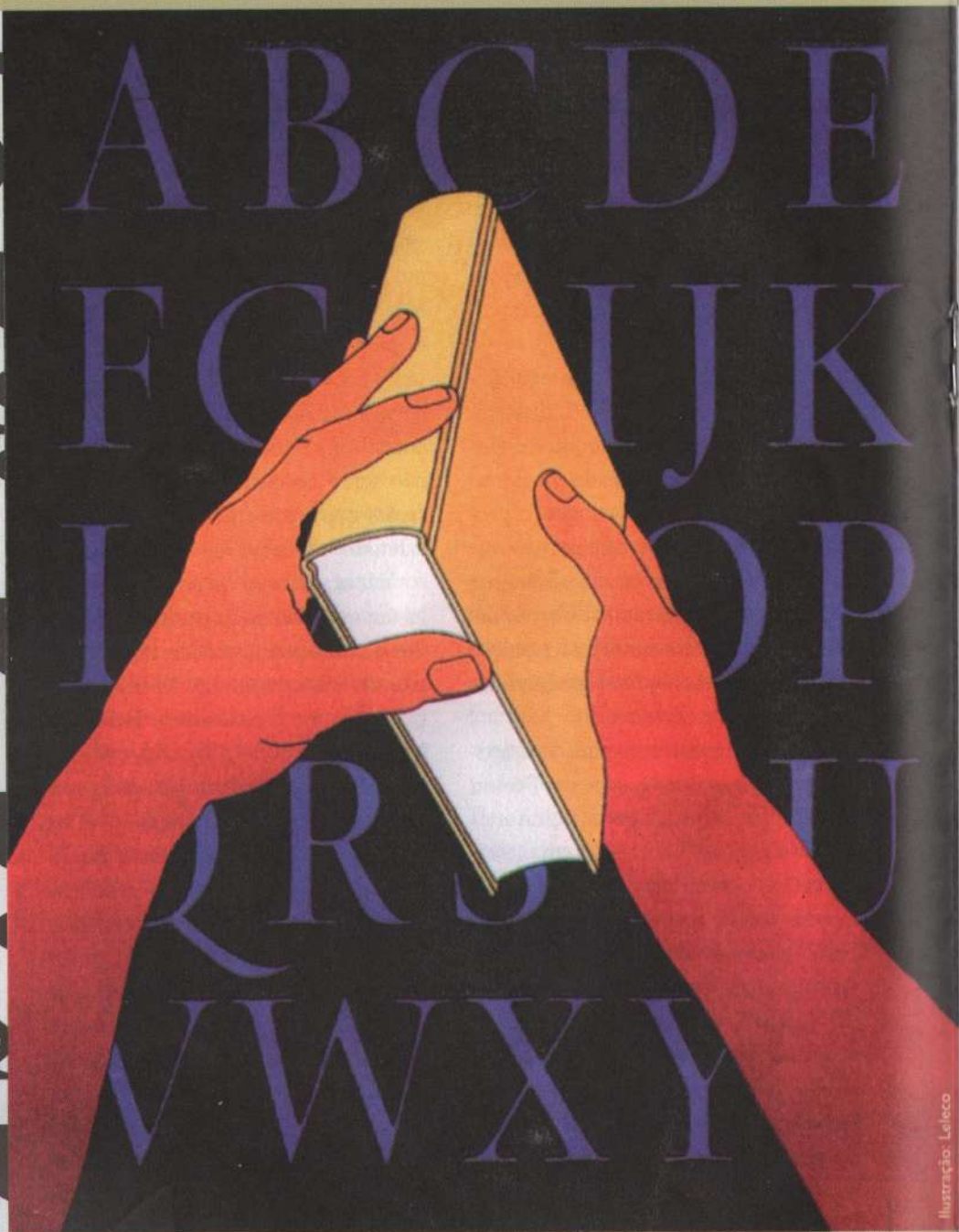


Ilustração: Leleco

Para os verdadeiros amantes dos livros, tê-los só não basta. É preciso também conferir-lhes personalidade, dar-lhes cunho artístico para além das páginas e do tempo. Uma frase, um pequeno desenho impresso revelam um pouco da personalidade de seus donos. A esta mania curiosa de imprimir mais arte aos livros se dá o nome de ex libris, assunto que desperta interesse acadêmico na Universidade de Brasília e faz dele o objeto de desejo de bibliófilos do mundo inteiro

PAULENIR CONSTÂNCIO

AO ABRIR UM LIVRO, logo nas primeiras linhas mergulhamos num outro universo. Letras, frases e parágrafos são guias a nos conduzir diretamente ao mundo do autor. Ao perceber-se em outra realidade o leitor atento mal se dá conta dos pequenos rastros deixados por quem de alguma forma desejou ser parte da obra. De volta à dimensão real, livro fechado, é hora de imprimir a sua marca pessoal, introduzir-se no alheio, defini-lo como propriedade, mas de forma a não fugir à arte.

Cerca de 3.000 anos antes que a leitura deixasse os círculos palacianos, um desconhecido escriba egípcio cunhou seu selo em um conjunto de escritos, encontrado no século XIX na tumba de Amenofis IV, que reinou em 1.400 a.C. Acreditam os estudiosos que se trata do primeiro *ex libris* da história. No século XVIII, na França, a utilização do selo passou a fazer parte dos hábitos de quem possui bibliotecas particulares e, posteriormente, alcançou também as bibliotecas públicas.

Universos interligados

Os *ex libris* vêm sendo usados no mundo inteiro por bibliófilos, leitores ilustres e cidadãos comuns constituindo parte do objeto de pesquisa acadêmica. O pequeno desenho é um atalho que leva direto do universo do autor ao universo do leitor. Tanto quanto se tem notícia, um costume exótico acabou virando arte, motivando colecionadores, gente que às vezes chega a dispensar o próprio livro para colecionar só o selo.

“Estranha mania”, no entender de José Mindlin, dono de um conjunto primoroso de 20 mil obras raras. Autor do prefácio do livro *Ex libris – Pequeno objeto do desejo*, de Stella Maris Figueiredo Bertinazzo – que poderá ser incluído nas edições do próximo ano pela Editora Universidade de Brasília – ele é daqueles que não repara muito no selo. Mesmo assim recebeu há mais de 20 anos, como presente de uma das filhas um *ex libris* que passou a usar.

O presente, segundo conta, encaixa-se como uma luva na concepção histórica dada ao selo. Ele revela um pouco da personalidade de Mindlin que, aos 92 anos, se diz “um otimista incorrigível”. A frase que adorna o selo “não faço nada sem alegria”, de Montaigne, mesmo não sendo escolha própria “foi perfeita”, brinca o empresário, que leu o autor francês ainda na adolescência.

Raridades cobiçadas

Mania ou não, os *ex libris* têm uma legião de adeptos e uma horda de colecionadores ávidos pelos mais raros e antigos. Na Internet centenas de sites sobre o assunto revelam o interesse que nasceu nas bibliotecas e avançou pelo mundo da arte. É o

« (...) O *ex libris* pode ser definido como sendo um verdadeiro título de propriedade que identifica os livros de uma pessoa ou biblioteca, expressando a personalidade daquele que o possui. Podemos associar a ele palavras e expressões como “brasão do espírito”, “emblema”, “selo”, “etiqueta”, “pertence”, “sigla bibliotecária”, “vinheta”, “marco bibliográfico”, “sigla livresca”, “iconografia livresca”, “marca de posse”², até “logotipo”. (...) A expressão latina *ex libris* significa “dos livros”, “dentre os livros”, “fazendo parte dos livros” (de uma biblioteca).

A dúvida sobre a colocação ou não do hífen fica sanada por Carlos Pastorino, citado por Manuel Esteves, quando, no “Boletim da Sociedade de Amadores Brasileiros de *Ex Libris*” afirma que entre os dois vocábulos não há hífen por serem duas palavras latinas distintas: “ex” (= de, dos) e “libris” (=livros). Se houvesse o hífen, o sentido ficaria alterado como nas expressões *ex-alunos*, *ex-diretor*, isto é, “não mais alunos” ou “que já foi diretor”, daí “*ex-libris*” viria a ser “não são mais livros”. E o mais importante: em latim não existe hífen. Em alguns países esta expressão se aculturou, como no Oriente. Esse selo de posse pode aparecer colado na face interna da capa, no rosto ou ante-rosto do livro, ou apostado na parte externa da sua encadernação, tomando, geralmente neste caso, a designação de *super libros*.

O *ex libris* contribuiu para a formação de uma arte inimitável acompanhando as tendências artísticas de cada época. Ao mesmo tempo se prestava a identificar o livro e sintetizava as tendências intelectuais, morais, literárias, científicas, enfim, os traços culturais de seu tempo. (...) Traduzindo a personalidade de seu titular (ou utente), ele vale muito mais do que podemos imaginar à primeira vista pois constitui um emblema sintético da expressão psicológica individual, associado à concepção artística do desenhista que lhe dá forma, expressão e decoração artística. É um momento único de cooperação entre o artista criador e o bibliófilo que o inspirou, definido por Geneviève Granger na seguinte frase: “L’*ex libris* doit être un peu une confession...”.

Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo



detalhe que faz o pequeno selo ser perseguido pelos colecionadores, nem sempre bibliófilos.

Alguns artistas renomados como Dürer e Escher deixaram sua marca em livros e o fizeram no estilo de sua obra. Há regras, consagradas pelo uso, que fazem com que os *ex libris* acabem tendo o valor de obra literária ou de um quadro famoso. A marca pessoal, o nome, uma frase definitiva e ainda, traços da personalidade do dono do livro.

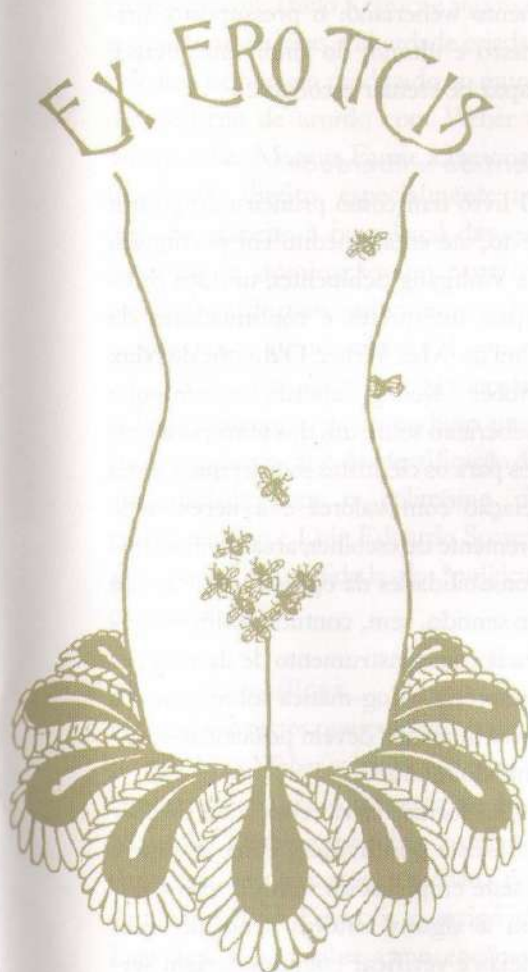
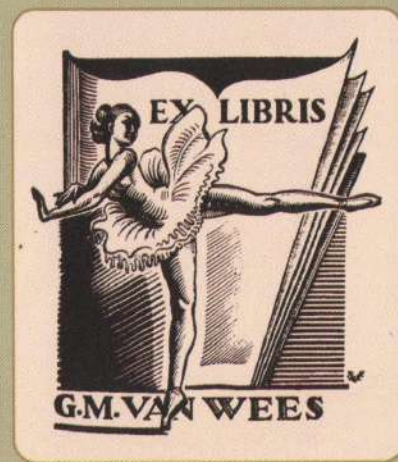
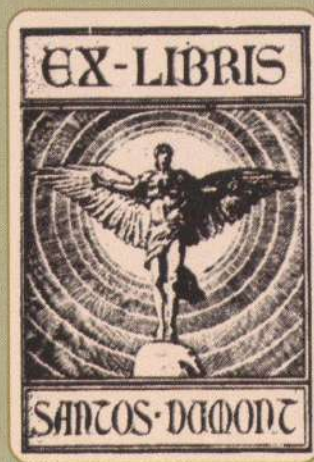
Na definição do livreiro e bibliófilo brasileiro Décio Drumond, os *ex libris* eram utilizados quase como título de propriedade, o que a modernidade vem dispensando. "É raro encontrar quem se interesse pelo assunto", afirma, considerando porém seu valor histórico. Um selo pode valer mais, segundo ele, pelo nome do autor do desenho independente do livro onde está.

Em princípio feito à mão o *ex libris* acabou sendo adaptado devido ao surgimento da imprensa. Livros em maior quantidade e, é claro, maior acesso à leitura fizeram a pequena marca migrar para formas de arte como a xilogravura, a gravura em metal e a tipografia. O costume acompanhou as tendências artísticas de cada época.

Arte exclusiva

No Brasil, Jorge Oliveira, artista residente em Caçador, Santa Catarina, é um dos últimos profissionais dedicados à criação de *ex libris*.

Daí, para as coleções, como a do barão do Rio Branco, considerada a primeira no país. Aliás, o *ex libris* do barão foi encomendado ao artista francês Agry e é parte do acervo da Biblioteca do Itamaraty, podendo também ser encontrado na Biblioteca da Universidade de Brasília. *Ex libris* dos modernistas também figuram nas principais coleções. Escritores, poetas, intelectuais e políticos como Cecília Meireles, Carlos Lacerda, Agripino Giecco trataram de marcar suas bibliotecas.



Stella M. F. Bertinazzo

“Se esse livro for perdido e por acaso for achado, para ser bem conhecido leva meu nome assinado”, diz um *ex libris* sem autor, classificado apenas como *ex libris* infantil, encontrado na Internet. Certamente abre uma controvérsia sobre o que vem a ser realmente o selo. Uns defendem-no apenas como marca de propriedade, outros como reflexo da personalidade.

Objeto do desejo

No acervo de Obras Raras da UnB, cujo inventário está em andamento, Stella Maris encontrou o “objeto do desejo” de sua pesquisa. Começou a delinear uma obra que resgata uma forma de arte praticamente abandonada. Artista de muitas técnicas, a professora reuniu um grupo de alunos que, ao mesmo tempo que desenvolviam a pesquisa, buscavam a expressão xilográfica para o *ex libris*.

Por 20 anos Stella Maris lecionou no Departamento de Artes Visuais (IDA) e 15 no atelier de xilogravura onde começou a desenvolver o sentido lúdico da arte, fazendo pipas. Trabalhou esculturas em vidro, em Murano, na Itália, era aficionada da culinária japonesa e fez livros de poesia. O acervo da artista foi doado para a Casa da América Latina.

Uma escultura da professora Stella Maris, de sete metros de altura, chamada de *Monumento ao Terceiro Milênio: fauna e flora*, hoje na Novacap, poderá ser exposta permanentemente nos jardins da UnB. A professora acabou transformando um trabalho que envolvia os alunos, junto aos quais fazia campanha para localizar *ex libris* ainda não catalogados na Biblioteca da UnB, para uma pesquisa com abordagem internacional em países como a Espanha, Alemanha e Portugal.

Muito trabalho impediu Stella Maris de lançar seu livro ainda em vida. Mesmo depois de aposentada ela continuava a atender seus alunos, tanto no IDA quanto em casa. Maristela de Oliveira Azevedo, irmã da professora, com apoio de alguns amigos e ex-alunos, estava empenhada em terminar a obra. Infelizmente, ela também faleceu em junho último. Mas, a previsão é de que o livro seja lançado na próxima bienal. Em fase de revisão *Ex libris – Pequeno objeto do desejo* trará um catálogo com histórico e localização de vários trabalhos. O inventário, que ainda não foi concluído, está a cargo do setor de Obras Raras da Biblioteca da UnB e o texto em fase de revisão. ♦